

A MÁXIMA DIFERENÇA

“...a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, se esta lhe for reconhecida como tal, é lembrar-se, com Freud, que, na sua matéria, o artista sempre o precede, e que ele não deve brincar de psicólogo onde o artista lhe abre a via.”

J. Lacan

Amós Oz, autor israelense cuja escrita tem o poder de tornar atraente até mesmo a árida paisagem do deserto, no seu pouco conhecido livro *“Sumri – História juvenil de amor e aventura”*, narra parte da vida do personagem-título, garoto que se inicia na descoberta do universo dos judeus, bem como na descoberta do universo das meninas.

Seu interesse dirige-se, preferencialmente, a uma certa garota chamada Esti,. Enorme, no entanto, é a surpresa que invade Sumri ao entrar no quarto da jovem amada, onde, por um fato acidental e a convite desta, seria obrigado a passar a noite. Tamanha surpresa o faz perguntar, atônito, ao leitor: “Quem já viu alguma vez um quarto de menina, tarde da noite, bem antes de dormir, quando a única luz que brilha nele é a da lâmpada de leitura ao lado da cama dela?”

Recuperando-se com dificuldade da reação inicial, continua: “Claro, o quarto de uma menina tem paredes e janelas, piso e teto, móveis e porta. É fato. E, no entanto, é como se chegássemos a um outro país, um país estranho com habitantes que não são parecidos conosco de modo algum”. Segue descrevendo os habitantes que *não* consegue encontrar, por mais que procure, no quarto das meninas. Esses habitantes são objetos, gravuras, desenhos: “Não há cartucheiras para o fuzil e para o revólver no batente da janela (...) Não há engrenagens e não há fios para eletricidade (...) não há gravuras “feias” escondidas dentro do livro de geografia (...) nem desenhos de navios de batalha em chapas pregados pela parede.”

Sumri circunscreve assim, tendo como limite as paredes, os tetos, os chãos dos quartos, um país masculino, diferenciando-o radicalmente do universo feminino. Essa constatação, que detalha cuidadosamente, não o ajuda, porém, a encontrar – “...nenhuma palavra adequada e a entabular a conversa”. Tudo que alcança pronunciar, e tomado por grande aflição, resume-se simplesmente à tão pacata frase: “Meu quarto, em casa, é muito diferente”.

Textura

Amós Oz, o artista, nos precede, nos abre a via, revelando que no momento do encontro com a amada, tantas vezes adiado e finalmente prestes a tornar-se possível, o que aparece é a diferença, triunfando pois a ausência de palavras.

É um encontro precoce, o encontro de dois adolescentes. Só não podemos dizer que é o primeiro encontro, pois foi precedido-, tanto para o menino, quanto para a menina, pelo encontro amoroso com a mãe. Desse primeiro encontro muito já se disse. Para Freud, a criança comparece nesse jogo amoroso enquanto objeto que sustenta a crença materna de completude. Permitir o engate dessa crença é condição de ex-sistência para a criança nesse momento. Momento do primeiro tempo do Édipo.

Trata-se de um jogo no qual a criança se deixa fazer a representante do objeto que falta à mãe. O jogo é mudo, as palavras necessitam aí serem colocadas no *só-depois*. Ficará marcado na menina, no menino, de modo diferente para cada um, esse primeiro encontro. Cada um encontrará também a porta de saída. Outros seres serão amados e por outros serão desejados, mas a cada novo encontro, como aconteceu com Sumri, gritante é a diferença entre um e outro sexo, triunfante é a ausência de palavras.

A cada encontro um e outro comparecem com suas marcas, seus objetos, habitantes do seu país, do seu *heim*, tão *unheimlich* se vistos através dos olhos do outro. No dizer de Octavio Paz: “Não é isso, afinal, o que acontece no sonho e no encontro erótico? Tanto nos sonhos como no ato sexual abraçamos fantasmas”.

E, no dizer de Jacques Lacan, é a falta que dá lugar ao encontro sexual, em que a fantasia de cada parceiro se dirige ao Outro próprio a cada um.

Para não tirar da nossa posição de analista outro direito além daquele apontado na epígrafe do presente artigo, cumpre-nos evocar outros artistas que nos abriram a via, sustentando –sob a forma de criação literária que “ ‘a outra pessoa’ não é mais do que o suporte argumentativo da fantasia”.

Mencionemos apenas o cubano, radicado na Itália, Ítalo Calvino, e o americano fascinado pela cultura européia (de fato, os tempos mudaram), Henry James. O primeiro, no primoroso conto, “O nome, o nariz”, detalha a busca de um homem por uma mulher, aquela apenas, guiado pelo seu nariz! Sua viagem fantasística se faz através do cheiro, do perfume, daquele perfume que, acredita, porta a mulher dos seus sonhos. E comenta: “...os perfumes

Textura

permanecerão sem palavras, inarticulados, ilegíveis”, e o homem segue errante, de perfume em perfume.

Em Henry James, tantos contos, tantos romances, poderíamos citar: “*A fera na selva*”, “*A madona do futuro*”. Comentemos o segundo, em que o pintor Teobaldo descreve o seu modelo-vivo, musa da obra-prima que está executando, para um amigo ocasional. Quando esse amigo a conhece, não consegue disfarçar sua decepção, mesmo já tendo sido advertido pela Sra. Coventry. Teobaldo era alimentado por sua fantasia de mulher, representada pela Madona perfeita, nobre, modesta. Nove dias após a morte daquele, sua musa dispara: “Quem disse que eu era feita só para viver de frases bonitas e idéias elevadas? Imaginação dele, mas lhe dava prazer...”

“Mas lhe dava prazer...”, o encontro amoroso se engata, se desengata, se reengata. Em pontuais momentos, cada um se deixa fazer segundo a fantasia do outro, ex-sistindo porém for-a dela, mudando de posição findo o ato.

Lembremos, para concluir, o conto de Calvino, em que o homem segue errante de perfume em perfume, mas no qual também, ainda que por instantes, a sua fantasia em alguma pele se fixa: “...ela havia me chamado com seu cheiro no meio de todos os cheiros e com o nariz consigo aspirá-la inteira com seu chamado de amor”.

Angela Baptista do R. Teixeira é psicanalista e editora, organizadora e co-autora de “*Sobre o desejo masculino*”, Ed. Ágalma, Salvador, 1995.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Calvino, Italo, “O nome, o nariz”, in *Sob o sol jaguar*, Cia das Letras, S.P., 1995.

Castel, Pierre-Henri, “Amor”, in *Dicionário de Psicanálise – Freud & Lacan, vol I*, Ágalma, Salvador, 1994.

Freud, S., “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, in *E.S.B. vol XI, Imago*, R.J., 1969.

James, Henry, *A fera na selva*, Rocco, R.J., 1986.

James, Henry, *A madona do futuro*, Imago, R.J., 1997.

Lacan, J., *O Seminário, livro XX, Mais, ainda*, J.Z.E., R.J., 1982.

Lacan, J., “Hommage fait à Marguerite Duras, du ravissement de Lol V. Stein”, in *Autres écrits*, Seuil, Paris, 2001.

Textura



Oz, A. , *Sumri – História juvenil de amor e aventura*, Ática, S.P.,1995.

Paz, Octavio, *A dupla chama – Amor e erotismo*, Ed. Siciliano,S.P.,1998,4a ed.